

Lacan analisante

Éric Laurent

Lacan analisante é o inverso de Freud. Ele fez uma análise, não uma autoanálise endereçada ao público ou uma "interpretação dos sonhos", pois não tem sonhos conhecidos, exceto dois de despertar, nos quais ele se apoiou para analisar brilhantemente o sonho de Freud, que ele muito valorizava e lhe era atribuído: "Pai, não vês que estou queimando?". Estamos então sem recursos para seguir Lacan analisante?

O par analisante-analista

Para que haja psicanálise e ela não seja *auto*, é preciso um psicanalista. A escolha do psicanalista era uma escolha forçada. Rudolph Loewenstein, formado em Zurich e em Berlim, analisado por Hans Sachs, chega a Paris em 1925 para formar analistas para a modernidade psicanalítica no estilo do Instituto de Berlim. Desde a virada dos anos vinte sua "técnica" psicanalítica passa pela análise das resistências. Ele acredita na manutenção de um "quadro" estrito do tempo das sessões, do seu número, etc. Foi, portanto, a um esquema rígido e idealizador que Lacan foi confrontado ao longo de seis anos, depois do outono de 1932. O fim do tratamento corresponde à redução da transferência a zero. Em princípio, deve ser possível interpretar a transferência sem resto.

Costuma-se dizer que o analista e o analisante têm como ponto comum seu carisma, seu charme, sua posição de sedutor, seu narcisismo. Aliás, é sua própria carreira de sedutor que afasta Rudolph das estritas regras por ele

promovidas. Amante da princesa Bonaparte desde 2 de novembro de 1926, após ter analisado seu filho no ano precedente, sua relação com ela não a impediu de forma alguma de querer se livrar de sua frigidez, fazendo uma operação em seu clitóris em 20 de abril de 1927. Freud, analista da princesa, não conseguiu dissuadi-la. Os que viram o filme de Benoît Jacquot sobre a princesa viram "Loew" representado de maneira muito simpática, embora em sua prática ele o fosse menos. A competição entre Loewenstein e Lacan se manifesta nitidamente na transferência. Lacan teria relatado umas palavras ditas no divã, que retomo, pois tive outros ecos da prática de Lacan como condutor ou passageiro de um veículo, que têm o mesmo sentido: "Um dia, ao passar por um túnel ao volante do seu pequeno automóvel, ele viu um caminhão vindo em sua direção. Decidiu então seguir seu caminho: o caminhão lhe cedeu a vez"¹. Quem iria então ceder no tratamento?

Desafiado pelo sonhador, Loewenstein reagiu pressionando. Após seis anos de análise, pretendia obrigar seu analisando a continuar, quando tudo estava consumado entre os dois parceiros. Embora a análise de Lacan tenha durado mais tempo do que a média naqueles anos, ele queria forçá-lo a ficar após sua eleição como membro titular em 1937-1938. Os titulares, que contavam então uma dezena, constituíam uma elite na época. Essa pressão absurda não tinha sentido. Dessa análise, Lacan reterá que a transferência negativa é um elemento decisivo da prática psicanalítica: "o nó inaugural do drama analítico"². Essa transferência negativa dirigida ao analista e ao *establishment* psicanalítico se estendia também à princesa, e inclusive ao rei-fundador.

Os esforços do analisante

Confrontado ao dispositivo normatizante da análise, tudo se passa como se Lacan desejasse forçar alguma coisa da sua vida amorosa. Ele, que qualificou o desejo do homem de "centrífugo"³, divide seus amores desde 1929 entre Marie-Thérèse e Olesia, ex-segunda mulher do seu amigo Pierre Drieu La Rochelle. É ela quem datilografará sua tese publicada em 1932. Sua ligação dura até 1933. No outono do mesmo ano, após um ano de análise, o analisante se apaixona pela irmã de um dos seus colegas de internato e lhe propõe casamento, que ocorre em 29 de fevereiro de 1934 e durará até a paixão fulminante por Sylvia Bataille, em novembro de 1938. Nesse meio tempo, Lacan esteve frequentemente dividido "entre duas mulheres". O primeiro efeito da psicanálise em Lacan analisante pareceria então ser uma tentativa de normalizar sua relação com as mulheres. Entretanto o casamento, que teria durado apenas cinco anos, só parece ter sido uma solução durante a análise.

O fracasso da normatização imaginária durante a análise também se manifesta nas relações com o analista. Este último, por ocasião da cisão de 1953, ainda está inteiramente tomado por uma paixão invejosa e pela vontade de triunfar sobre seu antigo analisante. Isto pode ser lido tanto nas cartas que ele então endereça à princesa, quanto em sua patética resposta teórica ao "Discurso de Roma" de 1953 pronunciado por Lacan, publicada em 1956 com o título "Algumas observações sobre o papel do discurso na técnica psicanalítica"⁴. Loewenstein mistura Saussure e Jakobson com exangues descrições da verbalização pelo ego. Ele só cita Lacan como editor do primeiro número de *La Psychanalyse*. A pretensa trapaça que Loewenstein censurava em Lacan, por não ter prosseguido sua análise sob imposição burocrática, aparece do lado do analista como verdadeira impostura.

É possível ler alguma coisa sobre o ponto alcançado pelo analisante Lacan na saída de sua análise na longa

carta que ele endereça a Loewenstein após a cisão de 1953. Lacan retoma então em detalhes o desenvolvimento dos fatos institucionais que marcaram a cisão, não por preocupação com a exatidão, mas para expressar a verdade de sua posição. Uma autêntica destituição do psicanalista se revela na certeza que o instiga:

Penso na espécie de fé que me leva agora mais além de tudo isso, [...] àquilo que cada vez mais sei que tenho a dizer sobre uma experiência que somente esses últimos anos me permitiram reconhecer em sua natureza e superar verdadeiramente. Espero encontrá-lo em Londres - aconteça o que acontecer, saiba que você encontrará um homem mais seguro dos seus deveres e do seu destino. [...] Estas páginas não foram escritas para contribuir com essa questão, mas para lhe dar, no tom livre que nossa relação particular nos permite, o testemunho verdadeiro sem o qual a história não poderia ser escrita. Nenhuma objetividade poderia ser alcançada em matéria humana sem esse fundamento subjetivo⁵.

A maneira com que Lacan descreverá o fim da análise combina rigorosamente com sua própria experiência: destituição do sujeito suposto saber, desejo decidido, entrelaçamento do dever e do destino, *desser*.

O método clínico e o objeto a

No texto publicado em 1966 com o título "Sobre nossos antecedentes", Lacan relaciona sua entrada na psicanálise ao estabelecimento de um "método clínico de exaustão do qual sua tese de medicina é o ensaio"⁶. O mecanicismo psiquiátrico de Clérambault, assumido como "fidelidade ao envelope formal do sintoma" revertido em efeitos de criação, a luta contra os preconceitos relativos à estabilidade do eu e o método de exaustão lógica constituem efetivamente os elementos de uma configuração de entrada na psicanálise da época, propícia a uma confrontação com os

preconceitos que esta carregava e às vias da renovação que Lacan iria franquear. Esta é, portanto, apenas uma das vias que levaram à sua entrada. Com a tese sobre Aimée, ele busca encontrar a chave da paixão feminina. Aimée é o mistério, mistério da pulsão de morte nas mulheres e de sua passagem ao ato. Freud deixou aos seus leitores a questão: *O que querem as mulheres?* Resolutamente, Lacan avançou na zona em que elas querem atingir o homem e seu objeto de louco apaixonamento. Aimée anuncia a leitura que Lacan fará do caso das irmãs Papin, de Medeia, da senhora Gide, do *Império dos sentidos*, dos místicos. Lacan não é um místico do gozo feminino, mas um apaixonado decifrador da posição feminina da sexuação, cujo matema ele acabará produzindo. Esta é sem dúvida o que Lacan analisante quis decifrar mais do que tudo e que também esclarece porque a normatização do casamento não passaria de uma ilusão de ótica.

Da histérica à mulher

Em sua transferência negativa em relação aos preconceitos da psicanálise dos anos trinta, Lacan acabou distinguindo o desejo de Freud que - como o desejo da histérica - não é uma referência psicológica. Lacan analisante critica Freud por ter confundido a mulher e a histérica. "Freud teria sido certamente um admirável idealista apaixonado se não tivesse se devotado ao outro, sob a forma da histérica"⁷. Lacan não foi um idealista apaixonado pelo gozo feminino. A idealista apaixonada é Aimée, mas a relação de Lacan com a paixão feminina lhe permitiu extrair um matema para responder ao gozo da mulher que desfere golpes. O despertar será isso? Em seu Seminário XI Lacan nos relata um sonho que o mobiliza e põe em jogo uma mulher que bate à sua porta: ele é *knocked*.

Outro dia, fui despertado de um curto sono, em que procurava descansar, por alguma coisa que batia à minha porta antes mesmo que eu despertasse. Com essas batidas apressadas eu já havia formado um sonho, que manifestava outra coisa que não essas batidas [...]: que eu sei que estou ameaçado de despertar, que estou *knocked*⁸.

Ousemos uma aproximação entre os golpes de Aimée e os golpes do despertar. Lacan analisante é aquele que soube sonhar mais longe que Freud e afrontar o insuportável da questão feminina para um homem e isso, em termos que renovaríamos definitivamente a psicanálise. Com o recurso à estrutura - emprestada do seu amigo Claude Lévi-Strauss -, que lhe permitiu sem dúvida perseguir o sonho espinozista de sua adolescência, o analisante Lacan iria avançar, com seu próprio esforço, sem a garantia dos sistemas de parentesco *standard*, no espaço de confrontação com a mulher e da feminização determinada pela posição do analista. De Aimée a *Mais, ainda*, a consequência é favorável. Graças à letra ele acabará produzindo o matema, a *causa* ininscritível da paixão entre os sexos. Ele poderá se apoiar nessa escritura para formular um amor que inscreve a indignidade pulsional, a Coisa, a *Ding* de cada um. Trata-se do amor "mais digno"⁹ almejado por Lacan analisante, a apreensão que ele abriu para todos, um por um. Não seremos expulsos desse paraíso, nem desse inferno.

Tradução: *Inês Autran Dourado*

¹ Relatado por Roudinesco, É. (1993). *Jacques Lacan. Esquisse d'une vie, histoire d'un système de pensée*. Paris: Fayard, p.108.

² Lacan, J. (1998[1948]). "A agressividade em psicanálise". In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 110.

³ Idem. (1998[1958]). "A significação do falo. Die Bedeutung des Phallus". *Op. cit.*, p. 702.

⁴ Loewenstein, R. M. (1956). "Some remarks on the role of speech in psycho-analytic technique". In *International Journal of psychoanalysis*, vol. 37, pp. 460-468.

⁵ Lacan, J. (1976[1953]). "Lettre à Rudolph Loewenstein du 14 juillet 1953". In *La scission de 1953 - Suplemento em Ornicar?*, (7), pp. 120-135.

⁶ Idem. (1998[1966]). "De nossos antecedentes". *Op. cit.*, p. 69.

⁷ Idem. (1973[1964]). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 32. N.T. Traduzido a partir do trecho citado pelo autor do original em francês.

⁸ Idem. *Ibidem*, p.58. N.T. Traduzido a partir do trecho citado pelo autor do original em francês.

⁹ Idem. (2003[1982]). "Nota italiana". In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 315.